

**Pronome de Segunda Pessoa no
Sul do Brasil: tu / você /
o senhor em Vinhas da Ira**

*(Addressee pronouns in the South of Brazil: tu / você /
o senhor in Vinhas da Ira)*

Odete Pereira da Silva Menon*

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- IBAÑOS, Ana Maria T. (Coord.).
Cadernos de Trabalho do DLE. 1999, 140 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 320.3523

ABSTRACT: *This study presents a discussion about the addressee pronoun distribution in Brazilian Portuguese (henceforth BP). We intend to explain whether we can say that tu and você constitutes a sociolinguistic variable in BP varieties, because there are dialects where only você or only tu is the intimate addressee pronoun. In some sections of the Brazilian translation of "The grapes of wrath" the "gaúcho" dialect, used in the southeast state of the country, Rio Grande do Sul, is found. In this dialect, tu is the intimate form; você, may be, is the intimate or intermediate level and o senhor is the more formal, non-intimate form to the addressee. We will also demonstrate that, if the pronoun remains tu, verbal agreement presents two different forms: the verb is used in a non-marked form, like in tu foi, tu vai, or in the canonic form tu foste, tu vais.*

RESUMO: *Apresentamos neste trabalho uma discussão sobre a questão da alternância e/ou substituição no uso dos pronomes íntimos de 2.ª pessoa tu e você no português do Brasil e, por conseguinte, quando podemos falar que constituem uma variável sociolinguística. Ao analisar um corpus escrito, a tradução brasileira de "Vinhas da Ira" (1940), consideramos que o dialeto gaúcho, ali empregado, pode ser um dos dialetos em que haja tal alternância, além de apresentar outra variável, a da concordância verbal com o tu, que se realiza ora com as*

* Universidade Federal do Paraná.

marcas verbais de segunda pessoa, ora com uma forma verbal não-marcada, como em tu foste, tu vais, e tu foi, tu vai, respectivamente.

KEY WORDS: Brazilian Portuguese; Gaucho Dialect; Addressees Pronouns; Verbal Agreement

PALAVRAS-CHAVE: Português do Brasil; Dialeto Gaúcho; Pronomes de Segunda Pessoa; Concordância Verbal.

Introdução

A distribuição no uso do pronome sujeito de segunda pessoa no português do Brasil tem sido objeto de estudo e de especulação. É muito comum encontrar afirmações como a de CUNHA & CINTRA (1985:284):

No português do Brasil, o uso de tu restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por você como forma de intimidade. Você também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.[...]

O senhor. O senhor, a senhora (e a senhorita, no Brasil, a menina, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes européia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõe a tu e você, em Portugal, e a você, na maior parte do Brasil.

ou de CUESTA (1980:488-489):

No Brasil os tratamentos estão mais simplificados que em Portugal, podendo dizer-se que se reduzem, como em espanhol, a dois: um de intimidade — você, cujo uso é quase equivalente ao do 'tu' espanhol — e outro de cortesia — o senhor, a senhora — que equivale a 'usted'.

O tu, que soa muito mal ao ouvido brasileiro, conserva-se apenas na sua forma de sujeito no Rio Grande do Sul e

no Maranhão, embora as formas te, ti, contigo, apareçam na fala familiar de todo o país juntamente com você. Assim, podem ouvir-se correntemente frases como esta:

Você esteve na praia? Eu também estive mas não te vi lá.

O tratamento de intimidade você está muito divulgado, sendo normal entre pessoas da mesma idade e categoria social que acabam de se conhecer, ainda que pertençam a sexos diferentes. [...]

Dentro da família, você é utilizado não só pelos indivíduos mais velhos para se dirigirem aos mais novos, mas também por estes, embora os papais, mães, vovós, vovós, titios, titias, dindinhos ou dindinhas tradicionais preferam que os seus filhos, netos, sobrinhos ou afilhados os tratem por o senhor, a senhora. Assim, pode ouvir-se:

Você está zangado, papai?

O papai está zangado?

Papai, o senhor está zangado?

Vi você na igreja, vovó

Vi a vovó na igreja

Vi a senhora na igreja, vovó

É de notar que o brasileiro se trata a si próprio por você:

Costumo dizer a mim mesmo: Toma juízo Fernando. Você já tem levado muito coice e não se emenda.

O tratamento de cortesia corrente entre iguais ou de inferior a superior é o senhor, a senhora, a que no Brasil, onde os títulos acadêmicos não tem a importância social que em Portugal, se acrescenta só dentro dos círculos profissionais a palavra Professor (pela qual os alunos se dirigem aos seus professores), Doutor, Embaixador, Ministro, Comendador, etc.

onde, além de uma distribuição territorial estabelecida como se já tivesse sido comprovada, sem maiores esclarecimentos sobre fontes consultadas, aparece a informação de que o tu teria sido substituído pelo você. Não aparecem indicações de épocas ou

locais onde o fenômeno teria sido observado ou registrado. Além disso, em CUESTA aparecem exemplos que não seriam empregados, no Brasil, para o interlocutor e, sim, para indagar ou informar sobre uma terceira pessoa: *O papai está zangado? ou Vi a vovó na igreja.*

Afirmações como essas são características dos manuais escolares, em que um autor repete o outro, sem checar a veracidade das informações ou, às vezes, o que é pior, adulterando parte dos enunciados. Em geral, como está escrito numa gramática, aceita-se o fato sem pestanejar e passa-se, em ambiente escolar, a repetir o repetido, sem maiores reflexões. Além disso, quando um gramático ou certos autores de livros didáticos¹, querendo assumir, em parte, o caráter pronominal de segunda pessoa para *você*, dão com os burros n'água, ao afirmarem, sem se deter ao que estão enunciando, *que esse pronome de segunda pessoa deve vir acompanhado do verbo na terceira ...* Os mesmos autores deveriam, com base nessa certeza, providenciar alteração na regra de concordância verbal que eles mesmos preconizam e prescrevem para o português, qual seja, a de que *o verbo deve concordar com o seu sujeito em número e pessoa ...*

Queremos chamar a atenção para o fato de que, com os resultados apresentados por alguns trabalhos baseados em *corpuses* reais, de língua oral e de língua escrita, tais afirmações, assim como o paradigma dos pronomes pessoais que não incluem nem *você*, nem *o senhor*, nem *a gente*, vem sendo contestadas no meio acadêmico mas ainda não chegam ao alcance dos professores de ensino fundamental e médio. No entanto, há algumas tentativas: vamos fazer referência aqui a um trabalho, resultado de anos de pesquisa e de atuação junto aos formandos de Letras na Universidade Federal da Bahia, aquele de Judith Freitas que, com base em seus estudos com os dados do Projeto NURC², vem de publicar dois volumes (FREITAS, 1997a, b),

¹ Ou mesmo linguístas (conforme citações, mais adiante), que repetem essa mesma colocação, sem atinar para as implicações que daí decorrem.

² O Projeto NURC — Norma Urbana Culta — é um banco de dados, com gravações efetuadas com informantes de nível universitário, nos anos setenta (de 1971 a 1978), em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador. Conta com três tipos de registro: EF — Elocuções Formais; DID — Diálogo entre

dirigidos aos professores de ensino médio e fundamental, sobre os pronomes pessoais em uso e a questão do seu ensino na escola. Uma outra obra, mais abrangente sobre a questão dos pronomes pessoais, é a de MONTEIRO (1994), infelizmente já esgotada e não reeditada. Pessoalmente, já abordei o assunto em outros trabalhos (MENON, 1994:233-236; 1995; 1996a, b), sobretudo no que concerne às questões (i) da forma verbal que acompanha o pronome *você* e (ii) da alternância no uso dos pronomes *tu* e *você* com a mesma forma verbal, não-marcada³, decorrente da variação que vem sendo apontada na concordância verbal com o pronome *tu* (cf. LOREGIAN, 1996; PÁDUA, 1942; NASCENTES, 1953 [1922]; AMARAL, 1982 [1920]).

Resta questionar a afirmação de que o *você* teria substituído o *tu* na maior parte do Brasil. Como ainda não dispomos suficientemente de levantamentos e estudos sincrônicos de várias épocas do português, a fim de se fazer estudos diacrônicos que permitissem traçar o percurso de formas, não podemos simplesmente dizer que uma forma se substituiu à outra. Ou, ainda, enunciar que os dois pronomes constituem uma *variável* no português do Brasil (doravante PB), pois se, em alguns dialetos pode ser comprovada essa alternância, naqueles dialetos em que só há um deles não existe variação⁴. Portanto, não po-

Informante e Documentador; D2 — Diálogo entre Dois Informantes; três faixas etárias: 25-35 anos; 36-45 anos; mais de 56 anos. Embora a maior parte das gravações permaneça sem transcrição, já há amostras publicadas (São Paulo e Rio de Janeiro já publicaram um volume de cada tipo de entrevista; Salvador e Porto Alegre organizaram, até o presente momento, um volume de DIDs; não tenho conhecimento de publicação de materiais de Recife) e um número considerável de trabalhos a partir dos materiais, entre os quais se destacam os seis volumes intitulados Gramática do Português Falado, resultado dos estudos realizados sob a coordenação geral de Ataliba de Castilho.

³ Vou me deter mais na discussão dos pronomes *íntimos* de 2.ª pessoa, *tu/você*, visto que o pronome respeitoso (e formal) *o senhor/a senhora* é de uso generalizado no Brasil. No entanto, cabe ressaltar que o *senhor* e flexões é considerado, aqui, como *pronome de segunda pessoa* (resultado do processo de gramaticalização da locução constituída do artigo mais o substantivo *senhor(a)*, que se especializou no tratamento respeitoso ao interlocutor) e que reclama a forma verbal não-marcada, exatamente como o caso acima discutido. Também não vou abordar o uso das locuções nominais (ou sintagmas nominais) constituídas de [possessivo + substantivo], do tipo *Vossa Excelência*, já que essas formas honoríficas têm uso quase restrito ao escrito ou em situações de extrema formalidade e, dado o seu caráter nominal, têm concordância verbal na 3.ª pessoa.

⁴ Paralelamente, um outro fenômeno que pode ser de variação, mas não necessariamente do PB, é o uso dos possessivos *seu/dele* para a terceira pessoa: em alguns dia-

demos dizer de forma genérica que existe variação no uso do pronome íntimo de 2.^a pessoa no PB.

Não sabemos realmente que português foi falado no início da colonização do nosso país. Sabe-se que veio gente, sobretudo pobre, de todos os rincões de Portugal, trazida pelos donatários e pelos governadores-gerais para povoar o país e lutar contra o gentio e os invasores, conforme nos narra SOUSA (1987 [1587]:128-131), a respeito da Bahia:

E como a dita armada esteve prestes, partiu Tomé de Sousa do porto de Lisboa aos 2 dias de fevereiro de 1549 anos; e levando próspero vento chegou à Bahia de Todos os Santos, para onde levava sua derrota, aos vinte e nove dias de março do dito ano, e desembarcou no porto de Vila Velha, povoação que Francisco Pereira edificou, onde pôs mil homens, convém a saber: seiscentos soldados e quatrocentos degradados e alguns moradores casados, que consigo levou, e outros criados del-rei, que iam providos de cargos, que pelo tempo em diante serviram. [...] O qual Tomé de Sousa também levou em sua companhia padres da Companhia de Jesus, para doutrinarem e converterem o gentio na nossa santa fé católica, e a outros sacerdotes, para ministrarem os sacramentos nos tempos devidos. [...] Logo no ano seguinte, de 1550, se ordenou outra armada, com gente e mantimentos, em socorro desta nova cidade [...] na qual foi o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha [...] E logo no ano seguinte, mandou Sua Alteza em favor desta cidade outra armada, e por capitão dela Antônio de Oliveira, com outros moradores casados e alguns forçados, na qual mandou a rainha D. Catarina, que está em glória, algumas donzelas de nobre geração, das que mandou criar e recolher em Lisboa no mosteiro das órfãs, as quais encomendou muito ao governador por suas cartas, para que as casasse com pessoas principais daquele tempo; a quem mandava dar em dote de casamento os officios do governo da fazenda e justiça, com o que a cidade se

foi enobrecendo, e com os escravos da Guiné, vacas e éguas que Sua Alteza mandou a esta nova cidade, para que se repartissem pelos moradores dela, e que pagassem o custo por seus soldos e ordenados, e o que mais lhe mandava pagar em mercadorias pelo preço que custavam em Lisboa, por a esse tempo não irem a essas partes mercados, nem havia para quê, por na terra não haver ainda em que pudessem fazer seus empregados; pelo qual respeito Sua Alteza mandava cada ano em socorro dos moradores desta cidade uma armada com degradados, moças órfãs, e muita fazenda, com o que a foi enobrecendo e povoando com muita presteza, do que as mais capitánias se foram também ajudando [...]

Em todo o tempo que D. Duarte governou o Brasil, foi todos os anos favorecido e ajudado com armadas que do reino lhe mandavam, e em que lhe foram muitos moradores e gente forçada com todo o necessário, ao qual sucedeu Mem de Sá [...]

Ou, ainda, a respeito da capitania de Pernambuco, cedida a Duarte Coelho, que era valoroso capitão a quem

... sobravam sempre espíritos para cometer grandes feitos, não lhe faltaram para vir em pessoa povoar e conquistar essa sua capitania, onde veio com uma frota de navios que armou à sua custa, na qual trouxe mulher e filhos e muitos parentes de ambos, e outros moradores com a qual tomou este porto que se diz de Pernambuco [...] Desta terra saíram muitos homens ricos para estes reinos que foram a ela muito pobres, com os quais entram cada ano desta capitania quarenta e cinquenta navios carregados de açúcar e pau-brasil, o qual é o mais fino que se acha em toda a costa [...] (p.57-58)

SOUSA (1987 [1587]), descrevendo as várias capitánias e como se deu a sua ocupação, cita o fato de os donatários terem feito armadas às próprias custas, com moradores casados e solteiros, partindo do porto de Lisboa. O padre CARDIM (1978:201-202), maravilhado com a riqueza de Pernambuco, faz menção à riqueza e número dos "vianezes, que são os principais da terra"; MATTOSO CÂMARA (1979:29) menciona a di-

letos, como demonstrou SILVA (1982), para o Rio de Janeiro, houve uma especialização: *seu* é possessivo de segunda pessoa e *dele* é de terceira, havendo alguns casos, cristalizados, de uso de *seu* nessa pessoa (como com os distributivos e indefinidos: *cada um leva o seu; todos querem o seu*).

versidade dos dialetos portugueses, tanto meridionais quanto setentrionais, que aportaram no Brasil, *concomitantemente com a língua padrão de Lisboa, por meio da máquina administrativa e apreciável contingente da nobreza cortesã*. SILVA NETO (1979:523) também faz referência à procedência variada dos portugueses que para cá vieram:

Desde os inícios da colonização, em 1532, até o século XVIII, assim podemos esboçar o panorama lingüístico do Brasil:

1 — o português, falado sobretudo na Costa, principalmente pelos brancos e seus descendentes que haviam conseguido ascender socialmente. Resultante do convívio de gente oriunda de todos os pontos de Portugal, o português brasileiro apresentava aspecto de notável unidade, já que, postos em contacto de vários falares, aqui se fundiam e mesclavam. Assim as peculiaridades regionais européias ficaram anuladas pela interação e chegou-se a um termo médio. Deve dizer-se, ainda, que a elite colonial chegou a constituir uma sociedade de alto nível cultural, que abarcava estadistas, moralistas, homens de ciência, prosadores e poetas.

2 — um crioulo ou semi-crioulo — adaptação do português no uso dos mestiços, aborígenes e negros. Caracterizava-se, como em geral esse tipo de falares, pela extrema simplificação de formas [...]

3 — a língua geral (ou seja o tupi), usada pelos índios que conviviam com os brancos, pelos mamelucos e pelos brancos em suas relações com o gentio.

Assim, com tal diversidade de gente povoando o Brasil, defendemos, como faz SILVA NETO, a hipótese do desenvolvimento, desde muito cedo, de uma *koiné* em território brasileiro. Parece ser uma constante o desenvolvimento de uma *koiné* em áreas ocupadas por diferentes etnias ou por povos falando a “mesma” língua, mas com sotaques ou diferenças dialetais: tal é o caso de Brasília⁵, ou do espanhol usado em Nova York⁶. Dessa

forma, os falantes, não querendo ser aqui reconhecidos como *beirões*, *minhotos* ou *alfacinhas* (ou, ainda, estratificados socialmente os lisboetas, como *saloios* ou *ratinhos*), podem ter desenvolvido, desde muito cedo, um português, digamos, *neutralizado* de seus traços mais marcantes e diferenciando-se do lusitano. Um desses traços seria justamente o uso de *Vossa Mercê*, em concorrência com o *vós* já em território português desde o século XV, como atesta Gil Vicente, entre personagens da baixa burguesia (cf.: FARACO, 1996: 59-60) ou como neste trecho, citado por SILVA NETO (1950:463, 466), da tragicomédia *Templo de Apolo*, em que a personagem, *hum vilam Portugues em traje de romeiro* estabelece um diálogo com o deus Apolo, que o manda entrar no templo:

Apolo — *a que vienes di, grossero.*
Piensas que estaas en aldea

Vilã — *E nam vê vossa mercea*
que sam eu tambem romeiro,
ou aveis mister candea?
E mais acho-me enganado
porque Deos nam he Castelhana
nem viera eu cá este ano
se disto fora enformado.
Mas nam he nada hum engano

Nunca vos eu darey bolos
porque como a noz he noz
Deos nasceo em Estremoz
[...]

Eu nam vos ey d'adorar
porque Deos he Portugues.

⁵ Conforme comunicação pessoal, Gregory Guy (Univ. York, Canadá) foi chamado a assessorar um projeto que visa a justamente verificar quais são as alterações sofridas pelas variedades de espanhol faladas por diferentes grupos hispânicos que se fixaram em Nova York e qual é a *koiné* resultante desse processo.

ou como nesse Auto de Antônio Ribeiro, por alcunha o *Chiado* (séc. XVI, apud SILVA NETO, 1979:461), em que imita a fala dos negros:

*Negro — Esse conta demo é.
Mim não dá vós ôtoro dia
papel qu'ô socrenco Faria.
Vós o tem mão vóso mecê.*

Nos dois exemplos acima, vemos como aparecem usados, no primeiro caso por uma personagem popular e, no segundo, na boca de um negro, os dois tratamentos aos interlocutores: *vós / vossa mercê*. Vemos também a tentativa de reprodução da pronúncia de Vossa Mercê em ambos os casos; o primeiro, inclusive, para fazer a rima, contém a epítese de um *a: mercea*. No segundo, aparece já uma das reduções fonéticas, a assimilação regressiva do [r] pelo [s], resultando em *meccê*, além da pronúncia do *-a*, fonema final do possessivo, como [o]: provavelmente como resultado da interpretação, por parte dos negros, desse *-a*, *átono final, posterior e talvez já ensurdecido* na pronúncia lusitana, ou, ainda, como possível resultado de assimilação regressiva da consoante nasal bilabial sobre o *-a*, transformando-o em vogal arredondada. Não fica difícil perceber como *vóso mecê* se transformaria em *vosmecê*. No entanto, naquele como neste momento, ainda são de uso corrente, em terras lusas, os pronomes *tu/vós*. A respeito disso, FARACO (1996:64) menciona que

A situação no Brasil é bastante diferente. Você é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome tu restrito a algumas variedades regionais. A razão para esse uso tão amplo de você no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história da formação do País. É fato que não temos documentos das formas lingüísticas correntes nos primeiros tempos da ocupação européia. Alguns dados, porém, são importantes para um processo de reconstrução hipotética de tais fatos.

Primeiramente, a situação do sistema de tratamento reconstituído acima, isto é, o uso generalizado de Vossa Mercê e suas variantes entre a população não aristocrática a partir de fins do século XV. Foi principalmente dessa parte da população que veio a maioria dos que chegaram como colonos a partir da Segunda metade do século XVI, período em que o processo de ocupação do País teve início. Nesse tempo, estavam em etapa bastante avançada tanto o processo de arcaização de vós, quanto o processo de simplificação fonética de Vossa Mercê.

A melhor testemunha dessa situação é, sem dúvida, o assim chamado dialeto caipira, a variedade lingüística usada pelos caboclos residentes no interior de São Paulo. De acordo com a descrição de Amaral, encontra-se nessa variedade lingüística uma série de características fonéticas e gramaticais correntes no português do século XVI e arcaicas hoje.

Temos, então, uma situação lingüística que parece ter favorecido o desenvolvimento de uma forma diferenciada de tratamento, possibilitando um maior uso de *vosmecê* nas relações interpessoais, uma vez que aqui não existiam as condições que regulamentavam um uso mais rígido das formas honoríficas, sobretudo na corte. Mais preocupados em sobreviverem aos ataques dos índios e dos franceses ou holandeses, os primeiros habitantes e seus descendentes talvez não dispusessem dos mecanismos de conservação das formas mais polidas. É bom lembrar que, entre outras coisas que faltavam no Brasil (conforme a não-necessidade de haver mercadores, conforme a explanação de Soares, acima) estava a inexistência de imprensa e que a única escolaridade naqueles primeiros tempos estava a cargo dos jesuítas, ministrada em língua geral até o início do século dezoito. Sem escolas para impingir normas e corrigir erros, sem imprensa para fixar visualmente padrões empregados na escrita, a língua poderia perfeitamente ter se modificado mais rapidamente que em Portugal no tocante ao uso de *vosmecê*, sobretudo na grande massa da população; no caso da elite, nobre, que podia mandar os filhos estudar em Portugal, se envolvia uma língua mais cuidada, inclusive produzindo lite-

ratura. Temos de lembrar ainda que se constituiu em terras brasileiras um relacionamento diverso do lusitano, por força da mão-de-obra escrava: a relação entre a casa grande e a senzala. Posteriormente, no dizer de AMARAL (1982:41), o desaparecimento do braço escravo, substituído pelo assalariado, teria afastado “da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal.” E, mais adiante (p.42), que o dialeto caipira “acha-se acantonado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelévelmente influenciadas pela antiga educação.” Aliás, o uso de *voscê* é visto por nós, em geral, exatamente como marca de arcaísmo, de educação antiga e de uso dos habitantes das zonas rurais, ao tratar os estranhos com quem conversa.

AMARAL (1982:73), ao tratar da morfologia do dialeto caipira, menciona como “outras formas pronominais” “*você* e suas variantes, todas muito usadas, *vacê, vancê, vossuncê, vassuncê, mecê, ocê.*”, depois de dizer que “*tú* tem valor puramente enfático, ligando-se a formas verbais da 3.^a pessoa: *tú bem sabia, tú vai, tú disse. Vóis* (vós) já não se ouve, *senão, talvez, excepcionalmente.*” Na página anterior a essa colocação, ao tratar das flexões verbais, dizendo que somente as formas de primeira e terceira pessoas eram empregadas corretamente, acrescenta que “A 2.^a pessoa do sing., embora usada às vezes, por ênfase, assimila-se às formas da 3.^a: *Tú num cala essa boca? Tú vai?*” Vemos aí, como característica do dialeto caipira não só o uso de diversas variantes para *você*, como também do emprego do *tu* com uma forma verbal que não corresponde àquela preconizada nas gramáticas tradicionais para a segunda pessoa do singular.

NASCENTES (1953:89), em obra contemporânea à de AMARAL, menciona uso similar dos pronomes no dialeto carioca:

O pronome de segunda pessoa é você (sujeito a muitas alterações: vancê, ocê e outras). Tu tem emprego enfático; aparece quando se quer tratar mal: Tu vais ver quem eu sou!

No capítulo dedicado à sintaxe do seu linguajar carioca, ele coloca a seguinte afirmação:

— *Sujeito pronome de segunda pessoa traz na classe inculta o verbo na terceira: Tu disse.*

A razão é não necessitar aquela classe senão de duas formas para todas as pessoas dos verbos, a primeira e a terceira, servindo esta para a segunda. (p.165)

Vemos aqui uso semelhante em duas variedades até certo ponto distintas, uma rural e a outra urbana. No entanto, nenhum dos autores nos esclarece a respeito da “substituição do *tu* por *você*”, salvo a afirmativa de que o primeiro é ou só enfático (para AMARAL) ou é enfático, usado em situação específica (conforme NASCENTES). Os autores também não aventam hipóteses a respeito da não-concordância verbal com o *tu*. A explicação de Nascentes não é clara, pois dá a entender que a forma usada para a primeira pessoa ocorre tanto no singular como plural. Ora, isso não é verdade: os falantes do que ele chama *classes incultas* têm um paradigma em que, realmente, há só duas formas, a primeira pessoa, cf. *eu vô*, e uma forma idêntica para as demais pessoas, cf. *(v)(o)cê(s) vai /ele(s) vai / nós/a gente/vai*, o que leva, forçosamente, a um maior uso do pronome sujeito.

1. Variação *tu / você?*

Fazendo parte de um projeto mais amplo (MENON, em andamento), vou apresentar alguns dados sobre a implementação do pronome *você(s)* em vários dialetos do PB. Após ter consta-

tado que no NURC de São Paulo⁷ não há ocorrências do pronome *tu*, pudemos contar com os resultados de LOREGIAN (1996) a partir da análise dos dados do VARSUL⁸ (Variação Lingüística da Região Sul do Brasil) das três capitais. Ela constatou que não existe o uso de *tu* em Curitiba⁹ e que, em Porto Alegre e Florianópolis aparecem os dois pronomes, mas com distribuição diferenciada. Além disso, o fenômeno da variabilidade na concordância com o pronome *tu* está mais adiantado em Porto Alegre que em Florianópolis.

Estudos anteriores sobre as capitais também revelaram resultados semelhantes: GUIMARÃES (1979) analisou 120 redações escolares da 6.^a série ao 1.^o ciclo universitário. Desse total, 59 redações usaram exclusivamente *tu*; 60 só *você* e em uma apareceram ambos os pronomes, perfazendo 960 ocorrências. Os mais jovens usaram mais *você*, que os de 2.^o grau ou que os universitários, com 60%, 52,5% e 55% das ocorrências, respectivamente. Quanto maior a escolaridade, maior o grau de "correção" da concordância verbal com os pronomes: para *tu*, 58, 33%, 70,77% e 76,79%, respectivamente, para 1.^o, 2.^o e 3.^o graus; para *você*, 90%, 89% e 94,19%, respectivamente. No tocante à concordância com forma verbal *não-marcada*, o mais alto índice ocorreu com o *presente*, com 97,56%, seguido do *perfeito*, com 60,87%. No total da amostra utilizada pela autora, os dois pronomes apresentam percentual praticamente idêntico, o que apontaria para

⁷Cópus de 68 informantes utilizado em MENON, 1994, mais a audição e exame de outras gravações, além da amostra publicada em três volumes (ver. nota 2)

⁸O VARSUL, projeto integrado, concebido e desenvolvido por pesquisadores de três universidades federais da região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), com posterior adesão da Pontifícia Universidade Católica do RS, é constituído de gravações (já transcritas e armazenadas em microcomputador) efetuadas nas capitais dos três estados — Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, mais três cidades representativas das etnias mais importantes na colonização diferenciada desses estados, num total de 96 (24 x 4) entrevistas por estado, distribuídas igualmente por sexo, duas faixas etárias e três graus de escolaridade.

⁹Como falante nativa do dialeto curitibano (de pais e 3/4 dos avós também nascidos nesta cidade), posso atestar que mesmo nas gerações mais velhas de curitibanos não existe qualquer resquício de uso do *tu*. Nem meus avós, nascidos todos no século passado, usavam tal pronome. Lembro que quando era criança achava engraçado que a "omama" e a "tante Ana" pessoas idosas, descendentes de alemães, nossas vizinhas, gozassem dos parentes (diziam "ach, esses barriga-verde!") que vinham de Santa Catarina, falando *tu* e falando *cantudinho*.

uma variação *tu/você* na escrita¹⁰; o resultado da concordância apontaria para a tendência de os dois pronomes terem a mesma flexão verbal em Porto Alegre, o que corrobora a minha hipótese (MENON, 1995) de que a variação na segunda pessoa do singular poderá vir a ser somente de cunho lexical, na forma do pronome.

As duas outras dissertações, sob uma abordagem variacionista laboviana, apresentam como resultados não a bipolarização entre *tu/você*, mas a constatação, pelo menos do ponto de vista empírico, de um novo modo de falante se dirigir ao interlocutor, o *pronome zero*: trata-se do uso de forma verbal não-marcada, sem pronome sujeito, idêntica àquela usada para *você* ou para *tu* quando não aparece o morfema de 2.^a pessoa, além do uso de *o senhor*.

ABREU (1987) contou com 96 informantes de Curitiba, distribuídos por quatro faixas etárias e quatro níveis de escolaridade, enquanto RAMOS (1989) trabalhou com amostra de 36 informantes da área urbana de Florianópolis, mais dois textos de literatura catarinense, mais questionário de atitudes. Segundo ABREU, a estratégia do pronome zero ocorre quando o falante tem dificuldade em categorizar o interlocutor segundo a idade ou o *status*. Usando uma forma não-marcada, evita a descortesia ou um (in)formalismo inadequado. No cópus da capital paranaense, esse *tratamento zero* é de ocorrência majoritária (49%, com 839 ocorrências), seguido de *você* (30,9%, 530 ocorrências) e de *o senhor* (20,1%, 345 ocorrências). Além disso, esse *zero* é estável com relação à escolaridade e à idade, enquanto o uso de *você* aumenta com a escolaridade e é usado pelos mais velhos e o de *o senhor* diminui com aquela e é empregado pelos mais novos. A ausência de *tu* em Curitiba foi corroborada pelos resultados, com dados de outra amostra, de 24 informantes do VARSUL, em MENON (1996a).

RAMOS também constatou uso majoritário de *tratamento zero* entre os ilhéus florianopolitanos: de 427 dados, 40% (171 ocorrências) são dessa forma, contra 31% de *você*; 20% de *tu*

¹⁰No entanto, por causa da bipolarização, essa variação ocorreria na comunidade, mas não no indivíduo, já que somente um informante apresentou uso dos dois pronomes.

e 9% de *o senhor*. Dos 20% de *tu*, houve 4% de concordância verbal com o pronome, 10% de forma verbal flexionada na segunda pessoa, com ausência de pronome sujeito e 6% de não-concordância. O uso do pronome sujeito estaria inibindo a flexão de 2.^a pessoa. Seria de supor, pelos percentuais, que *você* estaria competindo com o *tu*; porém, a autora descarta essa hipótese a partir da análise dos testes subjetivos de avaliação dos dois pronomes e também em termos semânticos, diz ela que *você* estaria mais próximo dos empregos da forma mais respeitosa, *o senhor*.

MONTEIRO (1996:513), ao analisar mudanças já realizadas ou em curso no sistema pronominal, afirma:

Há, porém, fenômenos que se diversificam não apenas em termos freqüenciais. Assim, o pronome você, que se generalizou por todo o Brasil, não conseguiu substituir completamente o pronome tu em cidades como Fortaleza, que nesse ponto se comporta como Porto Alegre, ao empregar o tratamento tu com o verbo na terceira pessoa: tu foi, tu quer, tu vai ... E isto independentemente de qualquer nível de escolaridade ou classe social.

SOARES & LEAL (1993) analisam as formas de tratamento de segunda pessoa em Belém do Pará, a partir de gravações e de questionários para avaliar atitudes subjetivas, e concluem pelo uso majoritário de *tu* (49,13%) como forma para filhos se dirigirem aos pais, seguido de *o senhor* (38,59%) e *você* (12,28%). No caso de os pais se dirigirem aos filhos, o resultado se polariza entre *tu* e *você*: o percentual de *tu*, no entanto, é bem mais alto (76,84%) que o de *você* (23,16%). Quanto à idade, são as crianças mais novas (8 a 10 anos), filhas de professores, que utilizam mais o *tu*; este também é o pronome mais usado no grupo de professores, que teria relações mais simétricas entre pais e filhos, do que entre o grupo de funcionários e seus filhos. As autoras se questionam (p.53), frente aos resultados obtidos:

Em alguns casos, parece que a assimetria "tu" versus "o (a) senhor(a)" é atenuada pela oposição "tu" versus "você". Vale lembrar que a forma "você" recobre tanto o campo do poder quanto o da solidariedade. Parece que, no domínio da família belenense, esta forma está mais associada à intimidade ou pelo menos ao desejo de estabelecer relações mais íntimas. É de interessante ressaltar que "você" só é empregado por filhos que também usam "o(a) senhor(a)". O uso alternado de "você" e "o(a) senhor(a)" estaria indicando uma passagem para o uso exclusivo de "tu"?

Se assim fosse, em Belém se estaria indo contra uma tendência que parece ser geral no PB, que seria a mudança de *tu* para *você*, conforme vimos nas referências acima? Além disso, conforme análise de FREITAS & SILVA (1986, *apud* SOARES & LEAL, 1993:54), nas cidades-alvo do NURC, a incidência de *você* seria majoritária em quatro delas, à exceção de "Porto Alegre, em que se verifica o uso quase exclusivo de "tu"."

A partir de tais resultados, que esboçam a distribuição dos pronomes em diferentes regiões do país, e seguindo a proposta de Marta Scherre¹¹, a de fazer seguir, aos resultados obtidos com amostras de variedades orais, pesquisas em *cópus* escritos, me propus a fazer levantamento das ocorrências de *tu* e *você* em um *cópus*, inicialmente constituído de cartas pessoais de autores de diferentes partes do país. O único critério para a seleção dos autores, no primeiro momento, é haver publicações de suas cartas e que na apresentação constem os parâmetros de reprodução dos textos: aceita-se atualização da ortografia, mas não alteração do texto para 'melhor compreensão da parte dos leitores', como já pude constatar em alguns volumes. Também deve haver um número razoável de cartas, para se avaliar se houve ou não mudança de comportamento no uso dos pronomes de 2.^a pessoa. Por meio desse levantamento (em fase de execução), ao verificar o uso dos pronomes pelos autores, busco situar as épocas de mudança, o mais longe possível

¹¹ Essa proposta foi discutida e aprovada no encontro do GT de Sociolinguística da ANPOLL, em 1993, em Salvador.

no tempo e para situar geograficamente, também, a extensão do fenômeno, bem como tentar estabelecer que contextos lingüísticos teriam propiciado condições para a implementação do *você(s)*. Vou apresentar aqui apenas alguns fatos já observados.

A primeira vez que constatei o fenômeno de mudança de forma no pronome usado pelo missivista ao interlocutor foi em Mário de Andrade (doravante MA), na correspondência com Manuel Bandeira (doravante MB), iniciada em 1922, até 1935 (ANDRADE, s/d). Nas cartas até dezembro de 1924, MA se dirige ao amigo utilizando regular e "corretamente" *tu, te, ti, teu* e os verbos estão religiosamente nas formas canônicas de 2.ª pessoa. Em uma longa carta de 29.12.1924, (p.38-43), MA introduz *você* em meio às formas canônicas, em várias funções gramaticais, inclusive com valor de possessivo:

- (01) Cinza das Horas representa uma época de **você**. Essa época ainda aumenta o valor da libertação posterior que produziu o Carnaval e principalmente a rítmica superior do **teu** verso livre. (p.39)
- (02) O que eu faço, e talvez já **reparaste** nisso, é uma distinção entre modernos e modernistas. (p.40)
- (03) **Você já reparou** que o diminutivo brasileiro ainda é mais carinhoso que o português? (p.43)

Podemos considerar que as duas formas de possessivo estão em alternância no exemplo (01) e que poderiam caracterizar a variável "possessivo de 2. pessoa". Em (02) e (03) temos um 'par mínimo' perfeito e podemos afirmar que naquele momento, senão na variedade paulistana, ao menos em um indivíduo paulista, há coocorrência / concorrência e alternância *tu/você*.

Nas cartas catalogadas sob a data de 1925, não há mais, praticamente, ocorrência de *tu* (p.56 em diante), a não ser muito esporadicamente, como na pág.74, numa carta sem data (que pode não ser de 1925). MA, em diferentes momentos, faz tal mudança com seus interlocutores, nas cartas pessoais: as cartas

dirigidas a Sérgio Milliet (DUARTE, 1971:285-339) empregam *tu* (de março/abril de 1923 a 1924; numa carta de 1925, o primeiro parágrafo utiliza somente *você*; no segundo parágrafo, aparece um *te*, depois um *vocês* e uma ocorrência de verbo na 2.ª pessoa. A correspondência recomeça em 20.01.1937 e, até 30.10.1940, com o uso de *você*).

Com Anita Malfatti, um fato curioso: depois de uma primeira carta, de 22.12.1921, com vocativo *Exma. Snha. Anita Malfatti / Querida amiga*, o tratamento é com *você*; a carta seguinte, de 1922 ou 1923, segundo a organizadora (BATISTA, 1989:55), apresenta tratamento em *tu*, que segue até 1924, mas as duas últimas (nov. e dez.), apesar de conterem o *tu*, já apresentam *vocês*, conforme exemplos (04) e (05), mais adiante. A partir da carta de 07.01.1925, o pronome passa a ser *você*, até a última, de 26.07.1939. Na carta de 20.01.1926, após o fecho, MA acrescenta uma observação: *Não repare no desalinho ingênuo desta carta cheia de "você". Foi escrita a 120 quilômetros por hora. Continuo a não me lembrar do nome do pintor. Ciao.* (BATISTA, 1989:113).

No entanto, MA, ao se dirigir a outros interlocutores, se inicia a correspondência em datas posteriores à acima mencionada, utiliza imediatamente o pronome *você*. Assim acontece com Oneyda Alvarenga (primeira carta em 26.06.1932: ALVARENGA, 1983:23-25); com Álvaro Lins (cartas de 24.03.1942 a 04.01.1945); com Rodrigo Mello Franco de Andrade (exceto nas cartas e relatórios oficiais, onde o tratamento é ou *vós* ou *V. Ex.*), as cartas de MA contém *você*: correspondência de 04.05.1936 a 10.02.1945); com Moacir Werneck de Castro (09.01.1940 a 03.02.1945); com Paulo Duarte (05.08.1932 a 15.02.1945); com Alceu Amoroso Lima (set/1925 a 09.12.1944) e Augusto Meyer (20.05.1928 a 26.05.1938) (MA *escreve*, 1968:13-38 e 49-112, respectivamente); com Murilo de Miranda (1934-1945); Carlos Drummond de Andrade (10.11.1924 a 11.02.1945) ou Pedro Nava (09.03.1925 a 11.03.1944).

Curiosamente, MA, que faz tantas observações sobre a língua, raramente faz referência a essa questão pronominal, como no exemplo acima, da carta enviada a Anita, ou quando é

provocado por Oneyda Alvarenga, sua aluna, depois colaboradora, que lhe diz ter recebido autorização de MB para tratá-lo por *você*, coisa que MA ainda não havia feito (carta de 26.05.1935: excerto in: 71 Cartas de MA (s/d : 163) e integral em ALVARENGA, 1983:109-113):

Achei graça nos casos do Manuel Bandeira lhe mandar um poema pra me fazer ciúme, e achar que ganhava de um a zero de mim por você tratá-lo de "você" e a mim de "seu". Ele mesmo aliás já me tinha contado tudo isso, pois tive de passar uns dias no Rio por negócios. E nos rimos todos os três, o que é bom (...) Quanto ao caso do "você" danei dêle ter se antecipado, chamando a atenção pra um caso que eu planejava decidir agora. Estava esperando a entrega dos diplomas do Conservatório pra lhe escrever uma carta longa de amizade, que agora, e tantas circunstâncias me deixam meio sem vontade de escrever. (...) Por isso, agora que você recebeu seu diploma, vamos esquecer o período de ensino, e aquele tratamento de "o senhor" que deixei se conservar pra que não houvesse dos outros alunos [...] Venha você de lá, me chamando de "Mário, você ...", e diabo leve qualquer subalternidade que não existe mais. O peste do Manuel me tirou o ineditismo destas considerações, mas elas são sempre legítimas ...

Na resposta a essa carta, em 31.05.1935, Oneyda Alvarenga já passa a tratá-lo por *você* e o vocativo passa a ser simplesmente Mário (ALVARENGA, 1983:114-115). Anteriormente, o tratamento era o senhor e o vocativo era Seu Mário, conforme, p. ex. a carta anterior, de 16.05.1935 (p.107-108).

Apesar de o levantamento das cartas de MA ainda estar incompleto, podemos situar uma mudança de atitude da parte do escritor no uso do pronome íntimo: na virada de 1924 para 1925, MA abandona o uso de *tu* na correspondência, em proveito de *você*. Mas, mesmo quando usava *tu*, já empregava *vocês* quando fazia referência a mais de uma pessoa, estando aí incluído o seu interlocutor, conforme os exemplos (04, 05):

- (04) Fiquei muito contente em me **falares** bem de Tarsila. Acho dum ridículo enorme o frio que separou **vocês**. Que diabo! deixem disso. É possível que **vocês duas**, tão diversamente orientadas e de tendências tão opostas, não gostem uma da obra da outra, mas que tem isso com a amizade? (carta de 13.11.1924? a Anita Malfatti; BATISTA, 1989:92)
- (05) Imagino o pensamento de **vocês** quando souberem aí da aventura. [...] E Anita? O que **todos vocês** me dizem sobre ela me horroriza. [...] E tu, quando **vens**? Que **fazes**? (carta de 11.08.1924, a Sérgio Milliet; DUARTE, 1971:298-299.)

De outro estado, Minas Gerais, as cartas do Conselheiro Lafayette apresentam uma regularidade incrível: todas utilizam as formas canônicas de 2.^a pessoa, exceto em raras ocasiões, quando se dirige a mais de um interlocutor, como em (04), onde se alterna a 2.^a pessoa do plural canônica e a forma correspondente a *vocês* e (05), onde as formas verbais correspondem, provavelmente, a *vocês*:

- (06) Bem que desejava que tu e a Isabelinha **viésseis** passar comigo alguns meses, mas a estação que começa é má. Espero que **venham** para o ano, em estação fria, e **devem** trazer o Nhonhô, que poderá ficar no colégio. (carta de 20.10.1871, PEREIRA (1968 ; 82))
- (07) A apresentação do C. Afonso por aí vai trazer grave complicação. Se o aceitam, brigam com o N. Se não o aceitam, brigam com o Afonso. **Estudem** a questão e em tempo **resolvam** como **entenderem**. (carta de 20.12.1880, PEREIRA (1968 : 108-109))

Ainda de Minas, um outro volume de cartas, da correspondência ativa e passiva de Bueno Brandão, mostra uma diversidade muito grande nas formas de tratamento entre os interlocutores, indo das mais formais (*V. Ex.^a*) às menos formais (*o amigo*) e à alternância *tu/você*. Assim, o Dr. Brandão, cunhado de Bueno Brandão, em sua primeira carta (31.12.1884) emprega somente as formas canônicas de 2.^a pessoa; já na carta seguinte, datada de 30 de setembro, com uma nota do organizador, que a

situa em 1887 ou 1888, pelo assunto, alterna formas de *tu* com formas de *você*, como em (08), ou nas cartas de Wenceslau Braz, exemplos (09 a 11):

- (08) A apuração, como **sabe**, é no dia 23, e precisamos absolutamente ter, pelo menos, 4 juízes de paz nossos para, com o juiz de direito, marcarem o 2.º escrutínio, pois o Cobra mandou vir, segundo consta, diversos presidentes de mesa, para darem-lhe diploma. Faço às vinte (?) êsse portador a fim de que venham os presidentes das mesas de Ouro Fino, Antas (Campo Místico) e Monte Sião. Não há tempo a perder e peço-te que **avises** o Chico Congonha, **mandes** um positivo ao Loureiro e, se o presidente das Antas é liberal, **você** mesmo deve ir buscá-lo, de modo que todos estejam no dia 23 até às 10 horas do dia [...] (CASASANTA, 1958:106)
- (09) Confirmo meu telegrama de hoje perguntando-te se não **recebeste** minha carta em resposta à tua, carta-resposta que te foi dirigida há uns 15 a 20 dias. Era uma carta confidencial, que só poderia dirigir a um Am.º, como **Você**, a quem estou acostumado a falar como se fala a um verdadeiro irmão. (Carta de W. Braz a B. Brandão, 25.10.1912; CASASANTA, 1958 : 286)
- (10) Minha opinião solução grave momento consta de minha carta última penso que **você** deve agir decisivamente de acôrdo fórmula por mim lembrada. (Telegrama de W. Braz a B.Brandão, 09.04.1913; CASASANTA, 1958:299)
- (11) Eduardo e Teodomiro poderiam ir até lá ou **você** para isso. Abraços do velho amigo e admirador. W. BRAZ. N. Convém que **converses** aí com Teodomiro e Eduardo e **escreva** para B. Hte. (carta de W.Braz a Bueno Brandão, 07.11.1929; CASASANTA, 1958: 314)

Os exemplos de (09) a (11) espelham bem a flutuação no uso de *tu/você*, por um mesmo missivista (fato que se repete com outros, no mesmo volume), do porte de um Wenceslau Braz, cuja correspondência regular com Bueno Brandão se estende de 1909 a 1930 (CASASANTA, 1958 : 278-327). Por essa amostragem, podemos recuar o uso de *você* em Minas Gerais

para a década de 80 do século passado, na escrita; provavelmente muito mais recuado estaria o uso no oral.

Nas suas cartas (14.06.1890-12.08.1909), Euclides da Cunha emprega regularmente o *tu* quando se dirige a amigos e parentes; para o pai usa *o senhor* e em algumas cartas mais formais, como para o redator de *O Tempo* (GALVÃO:1997:62-63), emprega *vós*. Entretanto, aqui e ali, e a alguns destinatários, se imiscuem alguns *você(s)* explícitos ou somente a forma verbal correspondente, como vemos no exemplo (16):

- (12) [Porchat] Já nem sei se **te lembrás** do signatário destas linhas; não sei se devo empregar nesta carta o tratamento familiar de uma velha camaradagem ou o V. Exa. obrigado das relações friamente corteses. [...] Sei que tendo de tomar uma resolução ousada preciso abeirar-me do critério esclarecido de um companheiro sincero e — egoisticamente pois — escrevo-lhe. Antes porém de abordar a questão fundamental desta carta — peço-te (após dois minutos de reflexão resolvi adotar o tratamento antigo) que **transmitas** a toda a família saudações minhas e de Saninha. [...] Peço-te que no meu nome e no de Saninha **recomende-nos** muito a d. Maria Júlia e toda a Exma. Família. **Abraça** por mim aos bons companheiros daí e **lembre-se** um pouco mais do am.º (carta de 07.06.1892; GALVÃO, 1997:31-32)
- (13) Na carta anterior **falas** de ocupações inúmeras que **te** não deixam folga para a agradabilíssima dos livros novos que aparecem [...] **lastimas** isto, eu, porém, folguei com a notícia: quero que os bons companheiros de mocidade, como **você**, os quais, espero [...] (carta a Porchat, 04.08.1892; GALVÃO, 1997:33-34)
- (14) Desejo-te saúde e felicidades. **Recomenda-nos** a toda a família. [...] **Tens** razão estranhando o meu silêncio; ele é, porém, justificado [...] **Dê** apertado abraço em cada um dos bons amigos daí e **acredita** sempre na afeição do am.º e adm^{dor}. [...] **Dê** um abraço no dr. Brandão e em teu sogro. (carta a João Luís, de 22.02.1895; GALVÃO, 1997:70-71)
- (15) Estou certo que **continuas** a mesma vida — calma, estudiosa e útil — nesta adorável Campanha, aprazível Ferney de três Vol-

taires: eu, você e o dr. Brandão. (carta a João Luís, de 08.07.1895; GALVÃO, 1997:79)

- (16) Não estarei aí. Mas estarão: **você**, o Álvaro, o João Moreira e o Jovino. **Encaminhem-se** para lá naquele dia, **paguem** uma garrafa de cerveja (Barbante) ao velho Mateus e **recordem-se** por um minuto do amigo agradecido, ausente ...
- (17) Será uma bela comemoração. Neste país de esnobismo reles não desejo outras. **Manda-me** dizer depois os episódios principais da festa. (carta a Escobar, de 14.05.1902; GALVÃO, 1997:134)
- (18) Vejo que **estás** bom e com a melhor coragem para a luta, embora **digas** o contrário. Impressionou-me apenas pouco agradavelmente o fato de não **ires** mais para a Europa. Por que? **Conta-me** isto. Egoisticamente folguei com a nova, mas, como amigo, lamento o caso, prevenindo-lhe causas que sejam para **você** um desgosto. **Conta-me** isto. (o restante do texto usa regularmente *tu*; carta a Coelho Neto, de 07.08.1904; GALVÃO:1997:217)

Podemos observar que em Euclides já se manifesta a variabilidade no uso do imperativo, com alternância de formas próprias de *tu* e daquelas de *você*, correspondentes ao subjuntivo. Este teria sido um dos ambientes propícios para a substituição *tu/você*? O outro contexto que teria permitido a entrada do *você(s)* seria exemplificado por (16), por conta da enumeração de pessoas. Em todas as ocorrências desse tipo, Euclides jamais usa *tu* ao incluir o interlocutor, ou *vós*, para fazer referência ao conjunto; nesse caso, emprega *vocês* (o pronome pode estar ausente), como no exemplo (16) ou na carta a Plínio, de setembro de 1904 (p.234), ou naquela dirigida a Escobar, de 17.11.1906 (p.317). Um último contexto de entrada do *você* seria a utilização deste em outras funções sintáticas, como em (17).

Um último exemplo desse *cópus* vem de Alagoas, da correspondência de Graciliano Ramos (*Cartas*, 1982). O autor, nas cartas ao amigo Pinto (1911-1926) sempre usou o tratamento *tu*. Para a família, usava *o senhor / a senhora* para os pais (cartas de 1911 e 1910 e 1911, respectivamente) e *tu* para as ir-

mãs (cartas a partir de 1914). No entanto, sempre se referia a *vocês* para o conjunto da família, reclamando cartas. Contudo, para Heloísa Medeiros, com quem se casaria, começa (16.01.1928, *Cartas*, p.90) com o tratamento *tu*; em seguida, passa a dirigir-se a ela por *você*: uma primeira e tímida incursão com uma única forma verbal em 26.09.1930 e, depois de um interregno de uma carta e um telegrama em *tu*, a partir de 01.10.1930 e, em seguida, vão se alternando os tratamentos para se cristalizarem em *você*, a partir de 23.08.1932.

Temos, assim, esboçado um período de implementação do pronome *você* na escrita, que se pode recuar para o século passado. Isso significa que, no oral, essa forma já devia ser de uso estável, para poder aparecer na escrita com tanta semcerimônia, como podemos deduzir dos exemplos. Cabe, ainda, complementar o *cópus* para estabelecer os contextos propiciadores da entrada dos pronomes na língua. Contudo, podemos crer que a hipótese da penetração da forma plural do pronome ter se efetivado antes da forma singular pode ser demonstrada pelas ocorrências de *vocês* mesmo quando no singular aparece o *tu*. Pelo menos no material examinado até agora, *vós* não apareceu nesse contexto. Fica, no entanto, a indagação sobre o que teria motivado essa substituição no seio da sociedade brasileira.

2. A Variação Tu / você / O senhor no Dialeto Gaúcho

2.1. Os resultados de LOREGIAN (1996)

Em decorrência dos dados apresentados e estudados na amostra acima, pode-se aceitar a afirmativa de que ocorreu a substituição do *tu* pelo *você*, em alguns dialetos do PB, como é o caso paulista (ao menos do paulistano) ou do mineiro, conforme também atestam alguns trabalhos com dados orais (LOREGIAN, 1996 e MENON, 1996b, para Curitiba; MENON, 1994, para a cidade de São Paulo; RAMOS, 1997, para Belo Horizonte).

No entanto, conforme LOREGIAN (1996), a partir da análise das entrevistas do Projeto VARSUL, nas duas outras capitais da região Sul do Brasil *tu* e *você* coocorrem: Reproduzimos abaixo o Quadro I daquela autora (p.20):

Quadro I: Distribuição dos informantes quanto aos tipos de pronomes/formas de tratamento utilizados

	Você	você e senhor/ senhora	tu	tu e você	tu e senhor/ senhora	mistura de formas	total
Curitiba	23	1	-	-	-	-	24
POA	1	-	18	4	-	1	24
FLN	-	-	11	7	1	5	24

Podemos observar que em Curitiba, nenhum informante utilizou *tu*¹²; e um apresentou as formas íntima e respeitosa. Em Porto Alegre, dos 24 informantes, um usou só *você*; a maioria empregou só *tu*: nesses 19 informantes não haveria variação individual; esta ocorreria nos quatro que empregaram *tu/você* e naquele que empregou o que Loregian chama *mistura de formas*. Em Florianópolis, teríamos 13 casos de variação individual, com composição variada, conforme o quadro, e em 11 informantes não haveria variação individual.

Assim, se os dados de Loregian apontam para a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa nas duas capitais, **essa variação se concentra na comunidade, não nos indivíduos**. Esses resultados merecem uma análise mais fina, no que diz respeito justamente a essa diferença no nível da variação.

Como os dados de Curitiba não apresentavam variação, e em vista da maior variabilidade em Florianópolis, LOREGIAN (1996:22) decidiu ampliar a amostra de FLN, utilizando uma amostra de 12 falantes de 15 a 24 anos, moradores da área urbana, assim como um outro corpúsculo de 12 informantes (corpúsculo Brescancini), coletado na comunidade mais antiga (e mais isolada) da ilha, o Ribeirão da Ilha, com a finalidade de estudar o uso da concordância verbal com o pronome *tu*. Dessa forma, ela orientou sua análise para a variação, digamos, interna do pronome *tu*. O seu corpúsculo, de 2100 ocorrências, considerou as variáveis sociais **localidade** (Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Porto Alegre); **grau de escolarização** (primário, ginásio, colegial); **idade** (25-49 anos; + de 50 anos; 15-24 anos) e **sexo** (M

¹² Um informante apresenta três ocorrências de *tu*, mas é para imitar a fala dos parentes da mulher, de origem catarinense.

e F). As variáveis lingüísticas consideradas na análise foram: **paralelismo formal**; **interação emissor/receptor**; **explicitação do pronome**; **tempo verbal**; **saliência fônica**; **tonicidade do verbo**; **número de sílabas do verbo e contexto fonológico seguinte**.

Tendo submetido os dados à análise estatística do pacote VARBRUL, este selecionou as variáveis mais significativas na aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*, por ordem decrescente de relevância: **paralelismo formal**, **região**, **tempo verbal**, **explicitação do pronome**, **interação emissor/receptor**, **tonicidade do verbo**, **número de sílabas do verbo**, **grau de escolarização**, **faixa etária**, **contexto fonológico seguinte**, **saliência fônica** e **sexo**. As três últimas foram eliminadas como estatisticamente não-relevantes pelo VARBRUL.

Com esses resultados (para detalhes, recomendo a leitura do trabalho, na íntegra) de Loregian, mais aquele de Guimarães, mencionado acima, já se teria uma boa visão do que está acontecendo no uso do pronome de 2.ª pessoa em POA, pois conforme a Tabela 12 de LOREGIAN (1996:92), reproduzida abaixo (o grifo é meu), nessa cidade ocorreu o menor índice de concordância de *tu* com as formas verbais canônicas de 2.ª pessoa:

Tabela 12 — REGIÃO

Fatores	Apl. / Total	%	P.R.
Porto Alegre	30 / 740	4 %	0.12
Florianópolis	371 / 935	40%	0.71
Ribeirão	240 / 425	57%	0.81
TOTAL	641 / 2100	31%	

Vemos que os resultados mostram que, apesar de ser a segunda localidade no emprego de *tu* (740 ocorrências, ficando atrás de Florianópolis, com 935 dados), o seu desempenho na aplicação da regra foi o menor de todas: peso relativo (P.R.) de somente 0.12, praticamente o inverso da localidade Ribeirão da Ilha.

2.2 O *cópus* *Vinhas da Ira*

Tendo co-orientado o trabalho de Loregian e tendo como projeto de pesquisa a descrição do sistema pronominal da região Sul, ao consultar PÁDUA (1942), como parte das minhas leituras sobre o que já se escreveu sobre o assunto no Brasil, me deparei com a afirmação abaixo (p.40):

Note-se, ainda, um fator que para muitas pessoas pode passar despercebido, mas que a mim não escapou: os tradutores dos dois grandes livros: "... E o vento levou" e "As vinhas da ira", seguindo de perto os originais nos quais o "slang" americano domina, adotaram linguagem de feição nitidamente brasileira, inclusive o linguajar do negro no primeiro dos livros em apreço e a linguagem popular riograndense do sul no segundo. Chamo a atenção dos que apreciam a leitura para a tradução da última daquelas duas famosas obras de ficção, onde o tratamento de "tu", empregado na terra gaúcha em substituição ao "você" do resto do Brasil, não é acompanhado, entretanto, dos verbos na pessoa correspondente (a 2.ª do singular) mas sim na 3.ª do singular: Tu vai, tu sabe, etc., uso muito diferente do de Portugal e que dá à língua um sabor exquisito absolutamente dialetal. E esse fenômeno é dos nossos dias e tem já tal força de coerção que escritores de mentalidade arejada o transplantaram para os livros, sem ter em boa conta a questão assás secundária de estarem ou não concorrendo para a corrupção da nossa língua.

Fui, então, à busca da primeira edição do livro *Vinhas da Ira* no Brasil, que já mereceu várias edições, por várias casas editoras. A fim de comprovar as colocações de Pádua, e temendo que edições posteriores houvessem modificado o texto original, eu fazia questão de consultar a edição de 1940, que encontrei na Biblioteca Pública do Paraná, em perfeito estado (registro de acervo sob n.º 289.815).

Sem levar em conta a derradeira questão apontada, a da "corrupção da língua", vemos que Pádua nos dá informações relevantes sobre o uso do dialeto gaúcho e sobre a audácia dos

tradutores¹³ em inseri-lo no texto brasileiro. Temos que considerar que isso não deve ter sido só "capricho" (em todos os sentidos possíveis dessa palavra) da parte dos tradutores da editora gaúcha Livraria do Globo. Provavelmente, para terem reproduzido tão fielmente esse dialeto, eram eles mesmos utentes dessa variedade pois em nenhum momento parece haver artificialismo nas falas das personagens. Tal fato fica mais evidente em passagens onde aparecem construções mais lusitanas que brasileiras mas, quando o dialeto gaúcho é utilizado, ele é coerente.

Começando a ler a obra de Steinbeck, de 489 páginas em letras miúdas, fui constatando a veracidade das informações de Pádua e resolvi, então, proceder a levantamento sistemático das ocorrências, codificá-las, levando em consideração alguns grupos de fatores, a fim de submetê-las a tratamento estatístico via pacote VARBRUL e, com base nos resultados, proceder à comparação com os resultados dos dois outros trabalhos acima. O objetivo principal era testar o estágio em que se encontrava a concordância verbal com o *tu*, visto que, como se tratava de *cópus* escrito, publicado em 1940, os resultados nos dariam pistas sobre o processo de variação e, talvez, de mudança nessa variável. Do ponto de vista temporal, se essa "alternância" na concordância já aparece regularmente em texto escrito, significa que no oral ela já está consolidada. Teríamos, assim, informação mais segura para dizer se os dados de Loregian, num *cópus* oral dos anos noventa, representam mudança ou se são a continuidade de uma variação estável (temos uma diferença de exatamente meio século entre os dois conjuntos de dados).

A obra *Vinhas da Ira* conta a história de uma família de retirantes, de Oklahoma, na época em que as grandes plantações já haviam desalojado os pequenos agricultores e meeiros e já havia provocado desemprego naqueles que tinham continuado a trabalhar como empregados, como resultado do esgotamento da terra pela monocultura do algodão. Folhetos de propaganda e com ofertas de emprego acenavam com o paraíso da Califórnia, com perspectivas de trabalho tentadoras na colheita

¹³ Não consultei ainda a tradução de "... E o vento levou" que, segundo o autor, contém o falar dos negros; porém, ela está na fila para o levantamento.

de frutas. E, em época de recessão, movidas pelas promessas de emprego abundante, famílias inteiras de todo o país vendiam o pouco que lhes restava, compravam um veículo, punham nele alguns pertences que conservavam e se dirigiam maciçamente para o oeste, em busca do eldorado verde e da fortuna, sonhando sempre em conseguir o seu próprio pedacinho de terra, para se estabelecerem e, muitas vezes, tentavam se apossar de terras, cultivando-as escondido da polícia, que chegava e arrasava as plantações.

Steinbeck organiza o livro em dois planos: o do **narrador**, (capítulos I, IV, VI, VIII, X, XI, XIII, XVI, XVIII, XX, XXII, XXIV, XXVI e XXVIII), onde coloca informações históricas, geográficas, econômicas, sociais, culturais e psicológicas, sempre relacionadas com o conteúdo dos capítulos da **trama da história**, intercalando-os a estes (capítulos II, III, V, VII, IX, XII, XIV, XV, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXV, XXVII e XXIX). Os capítulos do narrador, que se alternam aos da trajetória da família Joad, são, em geral, bastante curtos, não ultrapassando, nunca, seis páginas. Como nos capítulos do narrador aparece tanto discurso indireto, como indireto livre, assim como discurso direto, mas nem sempre com formatação de discurso relatado, optei por não considerar os exemplos de *tu/você/o senhor* que porventura aí aparecessem. Além disso, as personagens retratadas eram em geral sempre outras, não havendo, por conseguinte, uma quantidade de enunciados suficiente para mostrar alternância num mesmo indivíduo.

A amostra considerada ficou restrita ao levantamento dos capítulos em que a família Joad — *Pai, Mãe, Tom, Al, Tio John, Avô, Avó, Rosasharn, Ruthie e Winfield* — dialogava com outras personagens (também a fala dessas outras personagens era considerada pois, geralmente, eles ficavam acampados por certo tempo nos lugares por onde foram passando e trabalhando) e mais dois capítulos, em que aparecem os funcionários de um posto de gasolina / lanchonete, *Al e May* (cap. II e XIV).

Após a leitura de mais ou menos metade da obra, para verificar a relevância e número das ocorrências dos pronomes de 2.ª pessoa, organizei o conjunto de variáveis que iria testar,

na análise da variável *concordância verbal com os pronomes de 2.ª pessoa*. Os grupos de fatores ficaram constituídos conforme a Tabela 1, abaixo:

Tabela 1: Concordância do verbo com pronomes de 2.ª pessoa: variáveis e chave de codificação:

<p>Coluna 1: Variável dependente</p> <p>c com concordância verbal s sem concordância (forma não-marcada, no caso de <i>tu</i>, ou forma diferente da esperada para <i>você/ o senhor</i>, sobretudo nas ocorrências de imperativo)</p>	<p>Coluna 5: estilo, situação de comunicação</p> <p>Verificar se o tipo de enunciado/ situação pragmática condicionam a concordância</p> <p>f afirmação, declaração p pergunta/ interrogação o ordem/ imperativo m ordem mitigada d discurso (ênfase, máximas, exemplos, religião ...) r discurso relatado & marcador discursivo e interlocutor estranho (havia o i — indeterminado mas deu no caute, i.é, houve só quatro casos, todos com concordância, portanto, sem variação; foram retirados.)</p>
<p>Coluna 2: uso do pronome</p> <p>+ presença de pronome junto ao verbo inibiria o aparecimento da marca de 2.ª pessoa - ausência de pronome favoreceria o aparecimento das marcas canônicas de 2.ª pessoa</p>	<p>Coluna 6: tempo verbal</p> <p>Testar se os tempos marcados (sobretudo o perfeito do indicativo) têm influência na concordância com o <i>tu</i>, por causa da saliência fônica e marca morfológica:</p> <p>A presente indicativo B imperfeito indicativo P perfeito F futuro simples indicativo U futuro perifrástico (vou + inf.) Q mais-que-perfeito simples (-ra) K MQP perifrástico (tinha + inf.): um caso, com concordância, retirado E presente do subjuntivo S imperfeito do subjuntivo R futuro do subjuntivo I infinitivo G gerúndio: 04 casos, todos com Concordância, retirados C condicional simples (-ria): só um caso, sem concordância; retirado D cond. perif. (-ria+I; -ria+G) M imperativo N imperativo atenuado (vamos fazer, tem que fazer) T estar (presente) + G Y estar (imperfeito) + G V ir/ andar + gerúndio</p>
<p>Coluna 3: pessoa</p> <p>Verificar se a concordância se dá com todas as formas verbais junto a pronomes de 2.ª pessoa, presentes ou elípticos. Inicialmente se faria o levantamento de outros pronomes (<i>a gente; você</i>), o que foi descartado por exigir outros tipos de variáveis.</p> <p>t pronome tu v você n nos (embora de 1.ª pessoa, apareceu sem concordância em duas ocasiões, estatisticamente não-pertinente) s o senhor</p>	
<p>Coluna 4: anáfora / paralelismo</p> <p>Testar o princípio do paralelismo: marcas levam a marcas; zeros levam a zeros:</p> <p>1 menção inicial 2 anáfora 3 nome próprio (para testar a hipótese de o nome próprio exercer o mesmo papel do pronome sujeito ou se teria desempenho semelhante à anáfora: o nome próprio, como vocativo, seria a 1.ª ocorrência e a forma verbal seria a 2.ª ocorrência e se aplicaria, então, o princípio do paralelismo)</p>	

2.3. Os resultados

O levantamento inicial registrou 1696 dados, que foram codificados segundo os grupos de fatores constantes na Tabela 1 e foi feita a primeira rodada no VARBRUL, até o programa Makecell, para constituição das células. É esse arquivo, após a retirada dos nocautes (casos de aplicação total ou nenhuma aplicação dos fatores envolvidos) que será submetido ao programa Var2000 ou da regra variável. Nesse primeiro arquivo de células, foram constatados quatro nocautes, anotados ao lado do fator correspondente na Tabela 1, num total de dez dados. Assim, a amostra ficou constituída de 1686 dados (307 células; 32 fatores). Veja-se na Tabela 2 a distribuição dessas ocorrências, com os respectivos percentuais:

Tabela 2: Distribuição dos dados pelos grupos de fatores: a primeira cifra corresponde ao número de realizações da concordância canônica

Grupo de Fatores	Aplic.	Não-apl.	P. R.	Total
Presença de pronome	260 / 30%	603 / 70%	.35	863
Ausência de pronome	560 / 68%	263 / 32%	.66	823
TOTAL	820 / 49%	866 / 51%		1686
<hr/>				
Pronome pessoal: tu	477 / 37%	818 / 63%	.29	1295
Pronome pessoal: você	216 / 88%	29 / 12%	.95	245
Pronome pessoal: o senhor	125 / 88%	17 / 12%	.96	142
Pronome pessoal: nós	02 / 50%	02 / 50%	.09	04
<hr/>				
Anáfora / paralelismo: 1.ª menção	427 / 48%	469 / 52%	.53	896
Segunda menção	351 / 48%	382 / 52%	.45	733
Nome próprio / vocativo	42 / 74%	15 / 26%	.74	57
<hr/>				
Estilo / situação comunicativa: afirmação	82 / 22%	298 / 78%	.43	380
Ordem	286 / 78%	83 / 22%	.50	369
Ordem mitigada	181 / 46%	187 / 54%	.31	368
Pergunta	82 / 27%	218 / 73%	.55	300
(interlocutor) Estranho	135 / 81%	31 / 19%	.62	166
Discurso / pregação	44 / 81%	10 / 19%	.96	54
Marcador discursivo	21 / 40%	31 / 60%	.70	52
Discurso relatado	09 / 53%	08 / 47%	.60	17
<hr/>				
Tempo verbal: presente indicativo	228 / 37%	388 / 63%	.29	616
Imperativo	410 / 83%	75 / 15%	.90	485
Preterito perfeito	53 / 24%	170 / 76%	.23	223
Infinitivo	19 / 34%	37 / 66%	.39	56
Imperfeito do indicativo	10 / 19%	42 / 81%	.17	52
Futuro: ir + infinitivo	16 / 36%	29 / 64%	.34	45
Imperativo atenuado	21 / 50%	21 / 50%	.71	42
Presente do subjuntivo	05 / 12%	37 / 88%	.09	42
Futuro do subjuntivo	13 / 32%	27 / 67%	.29	40
Estar (pres.) + Gerúndio	20 / 53%	18 / 47%	.32	38
Imperfeito do subjuntivo	08 / 40%	12 / 60%	.37	20
Ir / andar (pres.) + Gerúndio	09 / 56%	07 / 44%	.61	16
Futuro do presente	05 / 83%	01 / 17%	.79	06
Condicional perifrástico	02 / 67%	01 / 33%	.40	03
Estar (imperf.) + Gerúndio	01 / 50%	01 / 50%	.38	02

Feita a rodada no programa Varb2000, foram os seguintes os grupos de fatores selecionados, em ordem decrescente de relevância para a análise dos resultados: (5) tempo verbal; (2) pronome; (4) tipo de discurso; (1) presença do pronome sujeito e (3) anáfora / paralelismo.

No primeiro grupo de fatores selecionado, vemos que o tempo verbal com o qual mais ocorre a aplicação da concordância é o imperativo (.90), seguido do imperativo atenuado (.71), que poderíamos ter juntado em um único grupo de fatores; separados, porém, verificamos que o imperativo canônico parece

ser mais contundente, portanto, preservaria mais as marcas verbais, já que o maior número de dados corresponde ao pronome *tu*: 1295 casos.

No entanto, não se confirma a hipótese de que quanto mais marcado morfológicamente o tempo verbal, maior seria sua possibilidade de preservação: o pretérito perfeito do indicativo (com o morfema *-ste*, para 2.^a pessoa canônica) teve somente .23 de probabilidade de aplicação da concordância, o que o aproxima de outros tempos verbais, menos marcados, como o presente ou o imperfeito do indicativo (morfema *-s*, para *tu*), com .29 e .17, respectivamente. Também o futuro [ir + infinitivo] apresentou resultado semelhante ao presente, com .34, o que significa que poderia ter sido classificado juntamente com esse tempo. Esses pesos não divergem muito do grupo de tempos verbais que apresentam morfema *-es*, como o futuro do subjuntivo (.29) ou o infinitivo (.39). Quanto ao futuro canônico (cf. *farás*), apesar de ter apresentado alta aplicação da regra (.79), tem um número muito pequeno de ocorrências no corpus. A leitura desse resultado, portanto, deve ser a de que *se aparecer um futuro canônico, ele tem grandes chances de aparecer flexionado com o morfema de segunda pessoa do singular*. Outros tempos verbais com baixa frequência devem ser interpretados de maneira semelhante.

Ainda na questão dos tempos verbais, GUIMARÃES (1979) havia apontado como resultado 97,56% de concordância com o presente do indicativo, seguido do perfeito, com 60,87%. Em *Vinhas da Ira*, em termos percentuais, o presente mostrou somente 37% de realização de concordância e o perfeito somente 24%. A tendência é a mesma, de maior concordância no presente e menor no perfeito, mas a proporção é bastante diferente. Em LOREGIAN (1996:70) os dois tempos apresentaram percentuais de realização da concordância em 29% e 76%: o primeiro se aproxima do resultado no presente corpus e o segundo do resultado de Guimarães. O que fica evidenciado, pelos pesos relativos, é que a marca morfológica verbal não está influenciando a regra de concordância. Nesse sentido, talvez a

presença/ ausência do pronome possa estar pesando mais na realização da variável:

(19) Tu engoliu qualquer coisa. O que foi? 380 Mae p/Rosasharn

Em relação ao segundo grupo de fatores selecionado, a categoria de pronome, vemos que *você* e *o senhor* têm comportamento quase idêntico, com .95 e .96, respectivamente, de probabilidade de concordância. Nesse caso, ressaltamos que os casos de não-concordância são, em geral, do imperativo. O pronome *tu*, mais empregado no corpus, apresenta somente .29 de possibilidades de aplicação da regra de concordância. Podemos concluir, daí, que, embora mais empregado que os outros dois, ele realiza menos concordância, o que corroboraria minha hipótese de a variação estar se localizando no nível lexical, com a realização de uma mesma forma verbal, não-marcada. Nesse aspecto, os resultados de GUIMARÃES (1979), em corpus de redações escolares, mencionados anteriormente mostraram concordância com *você*, situada em torno dos 90%; com *tu*, em torno de 58% para os menos escolarizados: em termos percentuais, se relativizarmos a questão da escolaridade, os resultados são compatíveis pois, em *Vinhas da Ira*, *você* apresenta 88% de concordância e *tu* apresenta 37%.

Esse resultado também está próximo, apesar de mais elevado, daquele encontrado por Loregian. Nesse aspecto, podemos situar o corpus de 1940 como aplicando mais a regra de concordância (.29) que o corpus de 1990 (.12). Esses números poderiam indicar que aumentou a probabilidade de não-concordância do pronome *tu* com a forma verbal marcada de 2.^a pessoa, apontando para mudança. O que não sabemos é se essa curva de mudança teria tido queda significativa no uso em períodos correspondentes, anteriores a 1940. Não deixa de ser pertinente, contudo, a diferença de .17 entre as duas épocas. Necessitamos de mais levantamentos para confirmação; talvez o levantamento dos dados das duas coletas do NURC em POA (década de setenta e o recenseamento que está sendo efetuado, no presente momento) possa vir lançar mais alguns elementos para refinar mais essa análise. O fator escolaridade, embora não

testado no *córpus* deste trabalho, pode ser comparado com os resultados de LOREGIAN (1996:97) que aponta, no *córpus* VARSUL, um peso relativo de .60 para o colegial; .49 para o ginásio e .38 para os informantes com primário. Ora, o nível de escolaridade das personagens de *Vinhas da Ira* é mínimo para algumas delas (uma ou outra personagem declara saber ler; Tom Joad, o protagonista, confessa ter aprendido a ler e escrever na prisão, onde passou quatro anos), a maioria é analfabeta: .29 corresponderia justamente, no decrescendo, a um nível de escolaridade mais baixo que aquele do Varsul.

O terceiro grupo de fatores, estilo ou situação de comunicação, mostra um resultado interessantíssimo: o maior peso relativo (.96) corresponde aos enunciados classificados como *discurso*, quando as personagens adotam um estilo pomposo, solene, fazem citações da Bíblia, repetem máximas, dão conselhos, como no exemplo abaixo:

- (20) Tu podes viver por antecipação, porque tu és muito jovem ainda, mas para mim o futuro se resume na estrada que corre aos nossos pés. p. 128 Mãe p/Al

Isso evidencia que enunciados mais ou menos cristalizados tendem a preservar a concordância, assim como enunciados de quem dá conselho, faz apreciação de alguma coisa, se revestem de uma solenidade que é marcada pela concordância. Perguntas, ordens, afirmações são neutralizadas quanto à possibilidade de concordância, todas se aproximando de .50, e *discurso* relatado e marcadores discursivos favorecem a aplicação da regra, com .80 e .70, respectivamente, apesar de número menor de ocorrências que os outros fatores. Interessante a observar é o resultado de .62 no trato com estranho, o que pode ser explicado pelo fato de, nesse caso, ser mais empregado o par *você / o senhor* que, como vimos, apresentam altos índices de favorecimento à concordância...

- (21) Mas o senhor não teve que gastar gasolina pra ter aqui as suas coisas. 403 Mãe p/homem armazém

O fator que menos favorece a aplicação da regra é ordem mitigada (.31), talvez exatamente pelo seu caráter pragmático não peremptório, o que inibiria o uso das marcas de segunda pessoa.

No que concerne ao quarto grupo de fatores, a presença ou não de pronome, vemos que, apesar de ser classificada como penúltima variável estatisticamente significativa pelo programa, ela apresenta um resultado que mostra ser a ausência do pronome mais relevante na realização da concordância, com .66, contra .35 se o pronome estiver presente. No entanto, vemos que a distância de um e outro resultado, em relação ao ponto neutro, não passa de .15. Isso mereceria uma análise mais refinada, de melhor observação dos contextos de ocorrência.

Finalmente, no último grupo de fatores, vemos que nesse *córpus* escrito o paralelismo não se apresenta como relevante: os pesos de .53 para primeira ocorrência e .45 para segunda, estão muito próximos do ponto neutro. O que se revelou interessante, como supúnhamos, é a presença de nome próprio junto à forma verbal (ou com um elemento intercalado): o peso de .74 pode ser indício, indireto, de uma forma de paralelismo:

- (22) Rosasharn, vem ca! Tu não vai ao baile?... mas olha, Rosasharn, não envergonha a tua gente. 362 Mãe p/ Rosa

Conclusões

A análise desse *córpus* escrito, em cotejo com resultados de outros trabalhos, nos mostrou que no dialeto gaúcho:

- a) não ocorre somente o pronome *tu*, pois *você* aparece nas três amostras (o pronome mais formal aparece em duas delas);
- b) podemos deduzir do *córpus* de LOREGIAN (1996) que existe bastante variação na comunidade, mas pouca no indivíduo; essa questão poderá ser elucidada quando os dados do NURC forem analisados em tempo real;
- c) parece haver uma certa gradação na mudança de emprego seja de *o senhor* para *você*, seja de *você* para *tu*. Pelo menos é o

que se pode inferir de uma situação retratada no *cópus Vinhas da Ira*: no início da história, quando está voltando para casa, Tom encontra o pastor Casy e o trata de *o senhor*; Casy, por sua vez, trata Tom por *você*. No capítulo XXV, após uma separação forçada, pois Casy tinha assumido um crime e ido para a prisão, Tom reencontra o pastor e o trata por *você*; a seu turno, Casy trata Tom por *tu* (p.410).

- (23) **Você** de certo não se vai lembrar mais de mim — falou o homem. Sorriu e seu sorriso mostrou uns dentes grandes, cavalleres. — Não, não se poderá, mesmo, lembrar. **Você** estava sempre ocupado em puxar as trancinhas das meninas quando eu lhe ministrava a Sagrada Comunhão. 22 Casy p/Tom
- (24) Mas já sei. **O senhor** é o pregador. Sim, senhor, agora me lembro. Não faz uma hora, 'tava até me lembrando **do senhor**. 22 Tom p/ Casy.
- (25) Casy! Meu Deus, que e que **você** 'tá fazendo aqui? 410 Tom p/Casy
Entra, Tommy, **vem** ca pra dentro. 410 Casy p/Tom
Você conhece ele? 410 Homem p/Casy
Vem, Tom, **entra** aqui, **anda!** 410 Casy p/Tom
Então é este o camarada de que tu falou? 411 homem p/Casy
Mas **vem** cá, onde está o teu pessoal, Tommy? Que é que tu 'tá fazendo aqui? 411 Casy p/Tom
Mas como diabo **você** veio parar aqui, Casy? 411 Tom p/Casy
Bem, ali havia gente bem direita ate, **sabes?** 411 Casy p/Tom

Também os usos de *você* para se dirigir a um estranho parecem corroborar o fato de que *você*, apesar de não ser formal, evitaria uma intimidade à primeira vista¹⁴:

¹⁴ Pessoalmente, eu passei por essa experiência: no início de oitenta, fui apresentada a uma professora da UFRGS, que se dirigia a mim usando *você*, fato que me parecia um tanto bizarro, já que ela se dirigia aos outros presentes na reunião usando *tu*. Algum tempo depois, quando começamos a ter maiores contatos e um relacionamento mais aproximado, por força primeiro das reuniões do Projeto Varsul, depois por conta de uma sólida amizade que se foi desenvolvendo, ela passou a me tratar por *tu*, como o faz até hoje.

Onde e que **você** 'ta querendo ir? 409 policial p/Tom;

Com relação à questão da *substituição do pronome tu por você* e de ela estar se realizando no Rio Grande do Sul, temos que aventar uma outra possibilidade: mesmo que *você* esteja em uso, a ocorrência de dados de *tu*, pelo menos no *cópus* estudado aqui, ainda é muito grande para se pensar nessa alternativa como única solução e, ainda, levando em conta o acima exposto. Poderia estar se realizando aí uma outra tendência possível no PB: a manutenção lexical do pronome *tu*, como marcador de uma identidade e de valores regionais (como as colocações feitas em relação ao *tu* no questionário de atitudes aplicado por RAMOS (1989)), mas perdendo (ou abandonando), morfologicamente, a marca verbal de 2.^a pessoa. Um fator que poderia estar cooperando nesse sentido é a tendência, já apontada por inúmeros estudos, em direção de um maior preenchimento do pronome sujeito, apesar de algumas formas verbais serem bem marcadas. O resultado da aplicação da regra de concordância, acima mostrado, pode apontar também nesse sentido, pois com o pronome *tu* a possibilidade de concordância fica em .29, com o pronome presente junto ao verbo, o peso é de .35.

Com relação aos fatos acima, precisamos de levantamentos de outras regiões onde também ocorre o emprego de *tu*, para se poder fazer uma análise mais acurada do fenômeno. Sobre isso, ver a afirmação de SOARES & LEAL (1993), supracitada, a respeito do uso de *tu versus você o senhor* em Belém.

A outra questão que permanece em aberto é a da implementação do uso de *você*, o que, em parte estamos realizando no momento. Ligado a essa, está o estudo da implantação dos núcleos de povoação: será que em alguns núcleos o português trazido pelos povoadores já não apresentaria uma única forma de tratamento, o *você*?

Sabemos, por alguns resultados de trabalhos em curso, p. ex. do ALERS — Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul, que a frente de colonização que partiu de São Vicente rumo ao sul, passando pela região de Curitiba, atravessando Santa Catarina no planalto de Lages e penetrando no norte do Rio Grande do Sul, dando origem ao caminho das tropas, que seria

incrementado posteriormente no transporte dos muares de Vi- amão a Sorocaba, parece ter deixado, no seu rastro, uma larga faixa de utilização de *você*, o que explicaria, entre outras coisas, o fato de Curitiba ou São Paulo não usarem *tu*, ou, ainda, em trabalho em curso, com dados do VARSUL, estar aparecendo que Lages emprega maciçamente *você*, em detrimento do *tu*, sempre citado como em uso em Santa Catarina.

Por outro lado, verificando a penetração das formas de *você* na correspondência que já analisei, me pergunto se a presença de *tu* no estilo epistolar não seria uma "norma" do gênero, abandonada, como vimos, nas décadas iniciais deste século. Temos de lembrar que jovens, hoje, usam o *tu* na poesia, sobretudo lírica, mesmo que jamais o empreguem na língua comum. Por que essa norma epistolar teria sido deixada de lado, mais ou menos abruptamente, como no caso de Mário de Andrade? A análise dos vários outros volumes que ainda está por fazer talvez lance alguma luz nesse aspecto.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Maria Teresa dos Santos. (1987) *Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ALVARENGA, Oneyda. (1983) *Cartas : Mário de Andrade/ Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades.
- AMARAL, Amadeu. (1982 [1920]). *O dialeto caipira. Gramática — vocabulário*. 4.ed. [Prefácio de Paulo Duarte]. São Paulo: Hucitec/INL/MEC.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. (1982) *A lição do amigo/ Cartas de/ Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ANDRADE, Mário de. (s/d). *Cartas a Manuel Bandeira*. [Prefácio e notas de Manuel Bandeira]. Rio de Janeiro: Ediouro.
- BATISTA, Marta Rossetti. (1989) (org). *Mário de Andrade: cartas a Anita Malfatti (1921-1939)*. Rio de Janeiro: Forense.

CARDIM, Pe. Fernão. (1978 [séc.XVI]). *Tratados da terra e gente do Brasil*. 3. ed. [Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia]. São Paulo : Nacional/ INL.

Cartas / Graciliano Ramos. (1982). Rio de Janeiro: Record.

Cartas a Murilo Miranda (1934-1945) / Mário de Andrade.(1971) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CASASANTA, Guerino. (1958). *Correspondência de Bueno Brandão*. Belo Horizonte : Imprensa Oficial.

CUESTA, Pilar Vázquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da. (1980 [1971, 1961, 1949]) *Gramática da língua portuguesa*. Tradução da 3. ed. esp. (1971) por Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. São Paulo: Martins Fontes.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DUARTE, Paulo. (1971) *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart.

FARACO, Carlos Alberto. (1996) O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, 13: 51-82.

FREITAS, Judith. (1997a) *Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental: teoria gramatical e orientação do professor*. Salvador: Edufba.

_____. (1997b) *Os pronomes pessoais sujeito no ensino médio: teoria gramatical e orientação do professor*. Salvador: Edufba.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. (1997) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp.

GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. (1979) *A ocorrência de 2.ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LINS, Álvaro. (1983) *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio.

- LOREGIAN, Loremi. (1996) *concordância verbal com o pronome tu na falado sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros. (1968). [Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes]. Rio de Janeiro: Ed. do Autor.
- Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. (1981) Brasília: SPHAN/ Fundação Pró-Memória.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. (1979) *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão.
- MENON, Odete Pereira da Silva. (1994) *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. Université de Paris, 7. Tese de doutorado.
- _____. (1995) O sistema pronominal no português do Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, 44: 91-106.
- _____. (1996a) O sistema pronominal na região Sul, *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, p. 510-512.
- _____. (1996b) Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. *Anais do II Simpósio Nac. do GT de Sociolinguística da ANPOLL*. Rio de Janeiro: UFRJ, p.101-116.
- _____.(em andamento) *O sistema pronominal no português do Brasil: fontes orais e fontes escritas*.
- MONTEIRO, José Lemos. (1994) *Pronomes pessoais*. Fortaleza: EUFC.
- _____. (1996). O sistema pronominal na região Nordeste. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, p. 513-515.
- MORAES, Marcos Antonio (1995) (org). *Mário e o pirotécnico aprendiz (Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ São Paulo: IEB-USP/ Ed. Giordano
- NASCENTES, Antenor. (1953[1922]) *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões.
- NAVA, Pedro. (1982) *Correspondente contumaz./ Cartas a Pedro Nava (1925-1944)/ Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PÁDUA, Ciro T. de. (1942) *O dialeto brasileiro*. Curitiba: Guaíra.
- PEREIRA, Lafayette Rodrigues. (1968) *Cartas ao irmão*. [Introdução e notas de João Camilo de Oliveira Torres]. São Paulo: Nacional.
- RAMOS, Jânia. (1997) O uso das formas *ocê, ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval. (1997) (org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, p. 43-60.
- RAMOS, Myriam Pereira Botelho. (1989) *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- 71 cartas de Mário de Andrade*. (s/d). [Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes]. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. (1982) *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SILVA NETO, Serafim da. (1979 [1957]) *História da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL.
- SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira. (1993) *Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. Moara — Revista do Curso de Mestrado*, Belém, 1: 27-64, mar/set.
- SOUSA, Gabriel Soares de. (1987 [1587]) *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 5. ed. comemorativa dos 400 anos da obra. [Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen]. São Paulo: Nacional/ MinC/ PRÓ-MEMÓRIA/ INL.
- STEINBECK, John. (1940) *As vinhas da ira*. [Tradução brasileira por Ernesto Vinhaes e Herbert Caro]. Porto Alegre: Livraria do Globo.